

As Ciências Biológicas e da Saúde e seus Parâmetros

Christiane Trevisan Slivinski
(Organizadora)



Atena
Editora

Ano 2018

Christiane Trevisan Slivinski

(Organizadora)

As Ciências Biológicas e da Saúde e seus Parâmetros

Atena Editora
2018

2018 by Atena Editora

Copyright © da Atena Editora

Editora Chefe: Profª Drª Antonella Carvalho de Oliveira

Diagramação e Edição de Arte: Geraldo Alves e Natália Sandrini

Revisão: Os autores

Conselho Editorial

- Prof. Dr. Alan Mario Zuffo – Universidade Federal de Mato Grosso do Sul
Prof. Dr. Álvaro Augusto de Borba Barreto – Universidade Federal de Pelotas
Prof. Dr. Antonio Carlos Frasson – Universidade Tecnológica Federal do Paraná
Prof. Dr. Antonio Isidro-Filho – Universidade de Brasília
Profª Drª Cristina Gaio – Universidade de Lisboa
Prof. Dr. Constantino Ribeiro de Oliveira Junior – Universidade Estadual de Ponta Grossa
Profª Drª Daiane Garabeli Trojan – Universidade Norte do Paraná
Prof. Dr. Darllan Collins da Cunha e Silva – Universidade Estadual Paulista
Profª Drª Deusilene Souza Vieira Dall’Acqua – Universidade Federal de Rondônia
Prof. Dr. Eloi Rufato Junior – Universidade Tecnológica Federal do Paraná
Prof. Dr. Fábio Steiner – Universidade Estadual de Mato Grosso do Sul
Prof. Dr. Gianfábio Pimentel Franco – Universidade Federal de Santa Maria
Prof. Dr. Gilmei Fleck – Universidade Estadual do Oeste do Paraná
Profª Drª Girlene Santos de Souza – Universidade Federal do Recôncavo da Bahia
Profª Drª Ivone Goulart Lopes – Istituto Internazionele delle Figlie de Maria Ausiliatrice
Profª Drª Juliane Sant’Ana Bento – Universidade Federal do Rio Grande do Sul
Prof. Dr. Julio Candido de Meirelles Junior – Universidade Federal Fluminense
Prof. Dr. Jorge González Aguilera – Universidade Federal de Mato Grosso do Sul
Profª Drª Lina Maria Gonçalves – Universidade Federal do Tocantins
Profª Drª Natiéli Piovesan – Instituto Federal do Rio Grande do Norte
Profª Drª Paola Andressa Scortegagna – Universidade Estadual de Ponta Grossa
Profª Drª Raissa Rachel Salustriano da Silva Matos – Universidade Federal do Maranhão
Prof. Dr. Ronilson Freitas de Souza – Universidade do Estado do Pará
Prof. Dr. Takeshy Tachizawa – Faculdade de Campo Limpo Paulista
Prof. Dr. Urandi João Rodrigues Junior – Universidade Federal do Oeste do Pará
Prof. Dr. Valdemar Antonio Paffaro Junior – Universidade Federal de Alfenas
Profª Drª Vanessa Bordin Viera – Universidade Federal de Campina Grande
Profª Drª Vanessa Lima Gonçalves – Universidade Estadual de Ponta Grossa
Prof. Dr. Willian Douglas Guilherme – Universidade Federal do Tocantins

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP) (eDOC BRASIL, Belo Horizonte/MG)

C569 As ciências biológicas e da saúde e seus parâmetros [recurso eletrônico] / Organizadora Christiane Trevisan Slivinski. – Ponta Grossa (PR): Atena Editora, 2018. – (As ciências biológicas e da saúde e seus parâmetros; v. 1)

Formato: PDF

Requisitos de sistema: Adobe Acrobat Reader

Modo de acesso: World Wide Web

Inclui bibliografia

ISBN 978-85-85107-73-4

DOI 10.22533/at.ed. 734180511

1. Ciências biológicas. 2. Saúde. I. Slivinski. Christiane Trevisan.

CDD 620.8

Elaborado por Maurício Amormino Júnior – CRB6/2422

O conteúdo dos artigos e seus dados em sua forma, correção e confiabilidade são de responsabilidade exclusiva dos autores.

2018

Permitido o download da obra e o compartilhamento desde que sejam atribuídos créditos aos autores, mas sem a possibilidade de alterá-la de nenhuma forma ou utilizá-la para fins comerciais.

www.atenaeditora.com.br

APRESENTAÇÃO

As Ciências Biológicas estão relacionadas a todo estudo que envolve os seres vivos, sejam eles micro-organismos, animais ou vegetais, bem como a maneira com que estes seres se relacionam entre si e com o ambiente. Quando se fala em Ciências da Saúde faz-se menção a toda área e estudo relacionada a vida, saúde e doença. Neste sentido, fazem parte das Ciências Biológicas e Saúde áreas como Biologia, Biomedicina, Ciências do Esporte, Educação Física, Enfermagem, Farmácia, Fisioterapia, Fonoaudiologia, Medicina, Medicina Veterinária, Nutrição, Odontologia, Saúde Coletiva, Terapia Ocupacional, Zootecnia, entre outras.

A preservação do meio ambiente, a manutenção da vida e a saúde dos indivíduos é foco principal dos estudos relacionados as Ciências Biológicas, onde pode-se navegar por um campo bem abrangente de pesquisas que vai desde aspectos moleculares da composição química dos organismos vivos até termos médicos utilizados para compreensão de determinadas patologias.

Neste ebook é possível observar essa grande diversidade que envolve os aspectos da vida. A preocupação de profissionais e pesquisadores das grandes academias em investigar formas de viver em equilíbrio com o meio ambiente, bem como aproveitando da melhor forma possível os benefícios ofertados pelos seres vivos.

Inicialmente são apresentados artigos que discutem os cuidados de enfermagem com os seres humanos, desde acidentes com animais peçonhentos, cuidados com a dengue, preenchimento de prontuários, cuidados com a higiene, atendimento de urgência e emergência e primeiros socorros, doenças sexualmente transmissíveis e hemodiálise.

Em seguida são apresentados alguns estudos relacionados a intoxicação com drogas e álcool, bem como aspectos envolvendo a farmacologia. Caracterização bioquímica de enzimas e sua relação com infarto, insegurança alimentar e obesidade infantil.

Ainda podem ser observados artigos que relatam sobre aspectos antimicrobianos e antioxidantes de vegetais e micro-organismos. Presença de fungos plantas. Caracterização do solo e frutas. Doenças em plantas. E para terminar, você irá observar algumas discussões envolvendo a fisioterapia no desenvolvimento motor de crianças, os benefícios da caminhada, além de tratamentos estéticos para o controle de estrias.

Christiane Trevisan Slivinski

SUMÁRIO

CAPÍTULO 1	1
ACIDENTES POR ANIMAIS PEÇONHENTOS EM CRIANÇAS REGISTRADOS EM CENTRO DE INFORMAÇÃO E ASSISTÊNCIA TOXICOLÓGICA	
<i>Camila Cristiane Formaggi Sales</i>	
<i>Rubian Hellen Alves Teixeira</i>	
<i>Karen Matsuike Gonçalves</i>	
<i>Robson Senna de Andrade Alves</i>	
<i>Beatriz Ferreira Martins</i>	
<i>Magda Lúcia Félix de Oliveira</i>	
CAPÍTULO 2	9
ANÁLISE DE ABREVIATURAS UTILIZADAS EM UM HOSPITAL DOS CAMPOS GERAIS	
<i>Bianca Machado Cruz Shibukawa</i>	
<i>Ketry Joyara Laranjeira Barizon</i>	
<i>Diego Raone Ferreira</i>	
<i>Rafaela Bramatti Silva</i>	
<i>Andre Estevam Jaques</i>	
<i>Ieda Harumi Higashashi</i>	
CAPÍTULO 3	18
CONHECIMENTO SOBRE INFECÇÕES SEXUALMENTE TRANSMISSÍVEIS ENTRE IDOSOS EM MUNICÍPIO DO NOROESTE PARANAENSE	
<i>Willian Augusto de Melo</i>	
<i>Maria Antonia Ramos Costa</i>	
<i>Heloá Costa Borim Christinelli</i>	
<i>Tereza Maria Mageroska Vieira</i>	
<i>Elen Ferraz Teston</i>	
CAPÍTULO 4	29
DA TRAGÉDIA DO PASSADO À FARSA DO PRESENTE: O DISCURSO SOBRE A HIGIENE QUE ESCAPA À VISTA	
<i>Graziele Adrieli Rodrigues Pires</i>	
<i>Ketelin Cristine Santos Ripke</i>	
<i>Lilian Denise Mai</i>	
<i>Roselania Francisconi Borges</i>	
<i>Heloise Beatriz Quesada</i>	
CAPÍTULO 5	42
IMPORTÂNCIA DA SIMULAÇÃO REALÍSTICA PARA O ENSINO DE URGÊNCIA E EMERGÊNCIA	
<i>Emilli Karine Marcomini</i>	
<i>Elisandra de Jesus Sangalli Martins</i>	
<i>Neusa Viana Lopes</i>	
<i>Nanci Verginia Kuster de Paula</i>	
<i>Barbara Andreo dos Santos</i>	
CAPÍTULO 6	48
O INTERESSE DE ACADÊMICOS DE ENFERMAGEM PELA ÁREA DE EMERGÊNCIA	
<i>Andressa Araujo Silva</i>	
<i>Juliana Helena Montezeli</i>	
<i>Fernanda Pâmela Machado</i>	
<i>Andréia Bendine Gastaldi</i>	
<i>Eleine Aparecida Penha Martins</i>	
<i>Aline Franco da Rocha</i>	

CAPÍTULO 7 61

INFECÇÃO PELO VÍRUS DENGUE: EPIDEMIOLOGIA, VIROLOGIA MOLECULAR E MANIFESTAÇÕES CLÍNICAS

Carmem Gabriela Gomes de Figueiredo

Luciane Alves Coutinho

Marizilda Barbosa da Silva

Claudenice Rodrigues do Nascimento

CAPÍTULO 8 79

PRIMEIROS SOCORROS COMO TEMÁTICA DE EDUCAÇÃO EM SAÚDE COM ESCOLARES

Paula Vidal Ortiz de Oliveira

Fabiana Martins Ferreira

Célia Maria Gomes Labegalini

Márcia Glaciela da Cruz Scardoelli

Raquel Cristina Luis Mincoff

CAPÍTULO 9 90

QUALIDADE DE VIDA DE PACIENTES SUBMETIDOS À HEMODIÁLISE

Willian Augusto de Melo

Maria Antonia Ramos Costa

Felipe Gutierre Moreira

Geosmar Martins de Oliveira

Dandara Novakowski Spigolon

CAPÍTULO 10 102

ATENÇÃO INTEGRAL À PESSOA INTOXICADA: DADOS DE UM PROGRAMA DE VISITA DOMICILIAR AO INTOXICADO

Camila Cristiane Formaggi Sales

Tuanny Kitagawa

Mirella Machado Ortiz

Paulo Vítor Vicente Rosado

Ohana Panatto Rosa

Martina Mesquita Tonon

Bruno Toso Andujar

Jéssica Torquetti Heberle

Jéssica Sanches da Silva

Magda Lúcia Félix de Oliveira

CAPÍTULO 11 109

MODELO DE CRENÇAS EM SAÚDE E PREVENÇÃO DE INTOXICAÇÕES INFANTIS

Marcia Regina Jupi Guedes

Magda Lúcia Felix de Oliveira

CAPÍTULO 12 118

MULHERES INTOXICADAS PELO USO ÁLCOOL E OUTRAS DROGAS: ESTUDO EM CENTRO DE ASSISTÊNCIA TOXICOLÓGICA

Sônia Regina Marangoni

Erica Gomes Almeida

Aroldo Gavioli

Ohana Panatto Rosa

Magda Lúcia Félix Oliveira

CAPÍTULO 13 131

PROPOSTA DE INTERVENÇÃO EDUCATIVA PARA PREVENÇÃO DE INTOXICAÇÕES

Camila Cristiane Formaggi Sales

William Campo Meschial

Paola Kallyanna Guarneri Carvalho de Lima

Patrícia Suguyama

*Rosângela Christophoro
Marcia Regina Jupi Guedes
Magda Lúcia Félix de Oliveira*

CAPÍTULO 14..... 138

SOLUBILIDADE DE BLENDAS DE SERICINA/ÁLCOOL POLIVINÍLICO UTILIZADOS COMO SISTEMAS DE LIBERAÇÃO CONTROLADA DE FÁRMACOS

*Patrícia Dias Gamero
Fernando Reinoldo Scremin
Paulo Rodrigo Stival Bittencourt*

CAPÍTULO 15..... 143

ADOLESCENTES ESCOLARES DA REDE PRIVADA: PREVALÊNCIA DE SOBREPESO, OBESIDADE E SUAS ASSOCIAÇÕES

*Drielly Lima Valle Folha Salvador
Milaine Aparecida Pichitelli
Carlos Alexandre Molena Fernandes*

CAPÍTULO 16..... 155

ANÁLISE DA DOSAGEM BIOQUÍMICA DE ENZIMAS CARDÍACAS NO HOSPITAL MUNICIPAL DE MARINGÁ-PR

*Rhana Carla Ruziska Tondato
Carlos Eduardo Benevento*

CAPÍTULO 17 166

IDENTIFICAÇÃO DE COLIFORMES TERMOTOLERANTES E PESQUISA DE GENES DE VIRULÊNCIA DE E. COLI EM QUEIJOS MINAS INSPECIONADOS E ARTESANAIS

*Anna Carolina Leonelli Pires de Campos
Juan Josué Puño Sarmiento
Leonardo Pinto Medeiros
Marcela Spinelli Flores de Túlio
Gerson Nakazato
Renata Katsuko Takayama Kobayashi
Eder Paulo Fagan*

CAPÍTULO 18.....174

IDENTIFICAÇÃO DO POTENCIAL LIPOLÍTICO DE LINHAGENS DE ASPERGILLUS NIGER

*Daniele Sartori
Mickely Liuti Dealis
Thainá Maria Mendes Nunes
Rayane Alves dos Santos
Fabiana Guillen Moreira Gasparin
Cristiani Baldo
Marta Hiromi Taniwaki
Maria Helena Pelegrinelli Fungaro*

SOBRE A ORGANIZADORA 181

MULHERES INTOXICADAS PELO USO ÁLCOOL E OUTRAS DROGAS: ESTUDO EM CENTRO DE ASSISTÊNCIA TOXICOLÓGICA

Sônia Regina Marangoni

Mestre em Enfermagem, Enfermeira do Bloco Cirúrgico do Hospital Universitário Regional de Maringá – HURM, Doutoranda do Programa de Pós-Graduação em Enfermagem (PSE/UEM), da Universidade Estadual de Maringá – Paraná

Erica Gomes Almeida

Enfermeira, especialista em Atenção à Urgências e Emergências pelo Programa de Residência Integrada Multiprofissional da Universidade Estadual de Maringá – Paraná.

Aroldo Gavioli

Mestre em Enfermagem, Enfermeiro da Unidade de Terapia Intensiva Adulto do HURM, Doutorando do Programa de Pós-Graduação em Enfermagem (PSE/UEM), da Universidade Estadual de Maringá – Paraná.

Ohana Panatto Rosa

Graduanda em Enfermagem, Universidade Estadual de Maringá – Paraná.

Magda Lúcia Félix Oliveira

Doutora em Saúde Coletiva. Docente do Departamento de Enfermagem e do Programa de Pós-Graduação em Enfermagem (PSE/UEM), da Universidade Estadual de Maringá – Paraná. Coordenadora do Centro de Controle de Intoxicação de Maringá.

RESUMO: Estudo transversal, realizado por meio de análise de fichas de Ocorrência Toxicológica de um Centro de Controle

de Intoxicações do Noroeste do Paraná, considerado unidade sentinela para a vigilância epidemiológica das intoxicações, tendo por objetivo caracterizar o perfil sociodemográfico e padrão de uso de álcool e outras drogas em mulheres economicamente ativas, notificadas em um Centro de Controle de Intoxicações, entre janeiro de 2012 a dezembro de 2014. Foram analisadas fichas de 113 mulheres, com idade média de 40,7 anos, com variação entre 15 e 86 anos. As mulheres trabalhavam principalmente no comércio (41,1%) e no trabalho doméstico (29,5%), e 12,4% se auto declararam estudantes. O álcool foi a principal droga de abuso (n: 97 – 85,8%), principalmente no padrão de uso crônico (n: 83 - 73,4%) e constatou-se uso combinado com tabaco e maconha. Aconteceram sete óbitos (6,2%) no período avaliado. Observou-se consumo em amplas faixas etárias, o álcool foi a droga com maior número de notificações, e número expressivo de óbitos pelo padrão de uso crônico. **PALAVRAS-CHAVE:** Saúde da Mulher. Intoxicação Alcoólica. Saúde do Trabalhador. Centros de Controle de Intoxicações. Enfermagem em Saúde Comunitária.

ABSTRACT: This cross-sectional study was carried out by analyzing the Toxicological Occurrence records of a Poison Control Center in the Northwest of Paraná, considered a sentinel

unit for the epidemiological surveillance of intoxications, aiming to characterize the sociodemographic profile and pattern of alcohol and other use drugs in economically active women, reported in an Intoxication Control Center between January 2012 and December 2014. We analyzed data from 113 women, with a mean age of 40.7 years, ranging from 15 to 86 years. Women worked mainly in commerce (41.1%) and in domestic work (29.5%), and 12.4% declared themselves students. Alcohol was the main drug of abuse (n = 97 - 85.8%), mainly in the pattern of chronic use (n = 83 - 73.4%) and combined use with tobacco and marijuana. There were seven deaths (6.2%) in the period evaluated. Consumption was observed in large age groups, alcohol was the drug with the highest number of reports, and expressive number of deaths by chronic use pattern.

KEYWORDS: Women's Health. Alcoholic Intoxication. Occupational Health. Poison Control Centers. Community Health Nursing.

1 | INTRODUÇÃO

O consumo médio per capita de álcool no mundo é de 21,2L para os homens e 8,9L para as mulheres, impactando no total de mortes de homens de 7,6%, e 4,0% nas mulheres atribuíveis ao consumo de álcool e a proporção da carga de doença é de 7,4% para os homens e 2,3% para as mulheres. O alcoolismo tem relação estreita com mais de 200 formas de doenças, distúrbios mentais e adoção de comportamentos de risco. Em países desenvolvidos a intoxicação alcoólica é o 3º fator de risco para morbimortalidade e representa 9,5% de anos de vida perdidos ou incapacitados, enquanto as drogas ilícitas ocupam a oitava posição com 1,8%. Já em países em desenvolvimento, o álcool, surge como principal fator de risco, e representa 6,2% de anos de vida perdidos ou incapacitados (GARCIA; DE FREITAS, 2015).

Em 2015, cerca de 246 milhões (5%) da população mundial com idades entre 15 e 64 anos, utilizaram alguma droga não liberada no comércio legal. As consequências do uso dessas substâncias perpassam todas as esferas sociais e os problemas aparecem no cenário da violência urbana, no trânsito, nas famílias, nas relações interpessoais, nas escolas, no ambiente e nas relações de trabalho e gênero (OKUMURA et al., 2012; UNITED NATIONS OFFICE ON DRUGS AND CRIME, 2015). Características como etnia, ocupação, grau de instrução, estado civil e gênero também influenciam o uso nocivo de drogas (ABREU et al., 2012).

Historicamente problemas relacionados ao consumo de álcool e outras drogas eram mais comuns no universo masculino, porém, as mudanças no papel social da mulher têm determinado uma diminuição dessa diferença. O estímulo dado às drogas lícitas como álcool, derivados do tabaco e anorexígenos pelos meios de comunicação, que tendem a veicular o consumo associado à beleza, sedução, sucesso profissional e riqueza, influencia de forma negativa e impulsiona o consumo entre adolescentes

(COTTI; DUNN; TEFT, 2014; MARANGONI; OLIVEIRA, 2013).

Estudos epidemiológicos nacionais apontam para um crescimento do consumo de drogas lícitas ou ilícitas entre as mulheres. E indicam que as mulheres utilizavam medicamentos, não apenas para emagrecer, eles são utilizados com diversas finalidades, no alívio de desconfortos do dia a dia, como aliados na manutenção de peso, na busca dos padrões de beleza aceitáveis e por não serem socialmente considerados drogas de abuso (RIBEIRO-ANDRADE et al., 2017; SOUZA et al., 2014).

De muitas maneiras, mulheres usuárias de drogas de abuso estão escondidas da sociedade, seja por usar uma droga ilegal ou pela criminalidade a ela relacionada, e por questões inerentes ao sexo feminino, como a maternidade, o cuidado dos filhos e da família e a continuidade do uso de drogas na gestação, ficando, assim, difícil acessá-las no cotidiano e suas vidas (MARANGONI; DE OLIVEIRA, 2013; ZILBERMAN; HOCHGRAF; ANDRADE, 2003).

O estigma social a que as mulheres usuárias de drogas estão submetidas e a discriminação por profissionais de saúde são apontados como barreiras para a busca de atenção em serviços de saúde e para a invisibilidade de usuárias de drogas em serviços especializados, tornando-se uma preocupação recente nas políticas públicas (JUNQUEIRA et al., 2017; REISDORFER et al., 2016).

Esse fenômeno ainda é pouco explorado na literatura científica brasileira e estudos sobre uso de álcool e outras drogas estão quase exclusivamente voltados para a população masculina, sem levar em conta a questão de gênero e a compreensão da dinâmica do problema na população feminina, tornando a questão das drogas, nesta população, incipiente (LONG et al., 2017; PILLON et al., 2014).

Conhecer o padrão de utilização, a trajetória do uso das drogas, o estágio da dependência e os fatores interferentes pode ser uma ferramenta eficaz, para estabelecer estratégias de intervenção com maiores chances de sucesso

Motivados pela relevância social do tema no cenário atual, objetivo do estudo foi caracterizar perfil sociodemográfico e padrão de uso de álcool e outras drogas em mulheres economicamente ativas, notificadas em um Centro de Controle de Intoxicações, entre janeiro de 2012 a dezembro de 2014.

O estudo é um recorte de um projeto de pesquisa sobre a *Percepções do trabalhador sobre o uso de drogas de abuso*, desenvolvido no âmbito do Núcleo de Pesquisa Centro de Controle de Intoxicações.

2 | MÉTODOS

Estudo de caráter transversal, quantitativo, de natureza descritiva, realizado por meio de análise documental retrospectiva dos registros epidemiológico em Fichas de Ocorrência Toxicológica por Álcool e Outras Drogas, notificados em um Centro de Controle de Intoxicações (CCI) da região Noroeste do Paraná.

O CCI é um órgão de assessoria e consultoria, na área de urgências/emergências toxicológicas, atendendo solicitações, na modalidade presencial ou por via telefônica, 24 horas por dia, aos profissionais de saúde e à população leiga, contribuindo para a toxico vigilância e desenvolvimento de ações educativas, visando à prevenção e a redução da morbimortalidade. É um serviço integrante da Rede Nacional de Centros de Informação e Assistência Toxicológica (RENACIAT), coordenada, desde o ano de 2005, pela Agencia Nacional de Vigilância Sanitária (ANVISA) (BRASIL; MINISTÉRIO DA SAÚDE, 2014).

As participantes da pesquisa foram mulheres com idade ≥ 15 anos, admitidas no pronto socorro do hospital, atendidas no período de janeiro de 2012 a dezembro de 2014, que foram notificadas ao CCI em decorrência de intoxicações (agudas ou crônicas) por álcool e outras drogas, sendo estes os critérios de inclusão do estudo.

Como fontes de dados foram utilizadas as fichas epidemiológicas OT/IA, arquivadas no CCI. Estas fichas têm seu modelo padronizado nacionalmente e fornece dados sobre a ocorrência toxicológica, o atendimento prestado e a evolução clínica do caso, além de facilitar o acompanhamento do caso, a implementações de medidas preventivas e a vigilância dos eventos toxicológico.

Os procedimentos de coleta de dados ocorreram no segundo semestre de 2017, em duas fases: inicialmente foram selecionadas as fichas das mulheres que atendiam aos critérios de inclusão e posteriormente as Fichas Epidemiológicas de Ocorrência Toxicológica por Álcool e Outras Drogas (OT/IA) foram digitadas e os dados foram compilados em uma planilha do *Software Microsoft Excel® 2010*, para posterior análise estatística com uso do *software Statistical Package of Social Science (SPSS®)* versão 24.

As variáveis analisadas foram os dados sócio demográficos: idade, escolaridade, situação ocupacional e/ou área de atuação; e dados relacionados à ocorrência toxicológica: tipo de droga utilizada, padrão de consumo de drogas e desfecho clínico do caso. Os dados foram analisados utilizando estatística descritiva simples, medidas de tendência central e frequências absoluta e relativa.

O estudo foi aprovado pelo Comitê Permanente de Ética em Pesquisa envolvendo Seres Humanos, com parecer favorável nº 879821/2014.

3 | RESULTADOS

No período analisado foram encontradas 1250 fichas OT/IA, sendo que 113 casos eram de mulheres, o que representou 9,1% dos casos notificados no período de estudo. A maioria das mulheres eram procedentes do Município de Maringá– PR (67,3%), sendo observado em média a ocorrência de 37,6 casos/ano. Na amostra em tela observou-se que 61 mulheres (53,9%), tinha situação ocupacional definida (Figura 1).

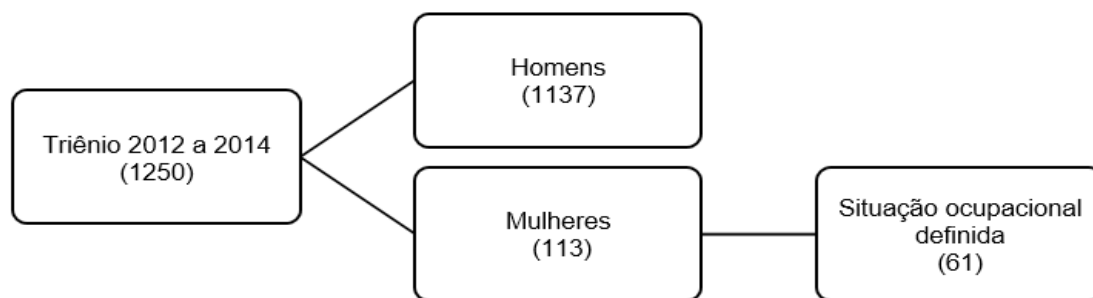


Figura 1. Fluxograma de seleção amostral, Maringá, PR, Brasil, 2017.

Fonte: Ficha OT/IA, CCI, 2012 a 2014

Em relação à idade das mulheres notificadas observou-se média de 40,7 (desvio padrão \pm 13,3 anos), com uma mediana de 42 anos e uma moda de 43 anos, sendo a mais jovem com 15 anos e a mais idosa com 86 anos, com uma amplitude amostral de 71 anos. Já com relação às faixas etárias, foi observado maior concentração em faixas etárias correspondentes à idade economicamente ativa, dos 15 aos 59 anos (87,6%). Na amostra em tela observou-se que a maioria se situava na faixa etária dos 22 e 29 anos (25,6%), (Tabela 1).

Variável	Categorias	Anos			Total
		2012	2013	2014	
		n (%)	n (%)	n (%)	n (%)
Faixas etárias (anos)	15 a 21	09(20,9)	05(16,7)	06(15,0)	20(17,7)
	22 a 29	11(25,6)	07(23,3)	11(27,5)	29(25,6)
	30 a 39	08(18,6)	08(26,7)	04(10,0)	20(17,7)
	40 a 49	08(18,6)	01(3,3)	05(12,5)	14(12,4)
	50 a 59	05(11,6)	05(16,7)	06(15,0)	16(14,2)
	60 a 86	02(4,7)	04(13,3)	08(20,0)	14(12,4)

Tabela 1 – Distribuição de frequência de mulheres notificadas por intoxicação, segundo ano de notificação e faixa etária, Maringá, PR, Brasil, 2017. (N: 113)

Fonte: Ficha OT/IA, CCI, 2012 a 2014.

Com relação ao nível de escolaridade, mesmo adequando pela faixa etária, verificou-se que as mulheres apresentavam baixo padrão educacional, uma vez que 45,1% delas realizaram apenas o ensino fundamental, ou parte dele, 16,8% delas chegaram a iniciar o ensino médio, porém, apenas 13,3% concluíram. Dentre as 113, nenhuma tinha ensino superior completo, porém, quatro delas (3,5%), referiram ter ensino superior incompleto.

Ao analisar área de trabalho e a situação ocupacional, constatou-se que em 61 (53,9%) das fichas OT/IA, havia o registro de atividade laboral formal e 14 (12,3%) mulheres se auto declararam como estudantes. Vale salientar que em 52 (46,1%) fichas não houve registro da situação ocupacional (não consta e/ou não respondeu)

(Tabela 2).

As atividades laborais exercidas pelas mulheres foram classificadas em seis áreas de atuação e/ou categorias profissionais, 25 (22,1%) exerciam atividades no Comércio/Serviços – vendedora, operadora de caixa, auxiliar de cozinha, recepcionista, vigilante, professora, médica e escriturária; 18 (16,0%) exerciam serviços domésticos; duas (1,8%) eram cuidadoras familiares; uma (0,9 %) na indústria e uma (0,9%) na agricultura. Dentre as 61 mulheres que tinham renda familiar, 14 (12,3%) eram idosas, com idade \geq 60 anos, onze (9,7%) estavam aposentadas e três de licença saúde (2,7%), (Tabela 2).

Área de atuação profissional	n(%)
Comércio/serviços	25(22,1)
Serviços Domésticos	18(16,0)
Cuidador familiar	02(1,8)
Agricultura	01(0,9)
Indústria	01(0,9)
Aposentadas/ licença saúde	14(12,3)
Não especificado	52 (46,0)

Tabela 2 - Distribuição de frequência dos casos de mulheres notificadas por intoxicações, segundo a área de atuação profissional, Maringá, PR, Brasil, 2017. (N: 113)

Fonte: Ficha OT/IA, CCI, 2012 a 2014.

Os dados relacionados ao consumo de drogas pelas mulheres estão detalhados na Tabela 3. Observou-se que quanto ao tipo de droga utilizado, o álcool foi responsável por 73,4% das notificações (n: 83), a associação de álcool e outras drogas foi verificada em 12,4% (n: 14) e 14,2% (n: 16) foram notificados por intoxicação por drogas ilícitas, principalmente maconha e cocaína na forma em pó e fumada (*Crack*).

Com relação ao padrão de consumo de álcool e outras drogas constatou-se que a maioria 73,5% (n: 83) das mulheres apresentavam o padrão de consumo e 26,5% (n: 30) apresentavam o padrão de consumo agudo (Tabela 3). Infelizmente os dados não permitiram inferir informações sobre o nível de dependência das mulheres.

Variáveis	Categorias	Anos			Total
		2012 n (%)	2013 n (%)	2014 n (%)	
Tipo de droga	Álcool	31(72,1)	18 (60,0)	34 (85,0)	83 (73,4)
	Drogas ilícitas	09 (20,9)	06 (20,0)	01 (2,5)	16 (14,2)
	Ambas	03 (7,0)	06 (20,0)	05 (12,5)	14 (12,4)
Padrão de consumo	Agudo	13 (30,2)	04 (13,3)	13 (32,5)	30 (26,5)
	crônica	30 (69,8)	26 (86,7)	27 (67,5)	83 (73,5)

Desfecho clínico	Alta	36 (83,7)	21 (70,0)	37 (92,5)	94 (83,2)
	Transferência	02 (4,7)	04 (13,3)	03 (7,5)	09 (7,9)
	Evasão	01 (2,3)	02 (6,7)	0 (0,0)	03 (2,7)
	Óbito	04 (9,3)	03 (10,0)	0 (0,0)	07 (6,2)

Tabela 3. Distribuição de frequência dos casos de mulheres notificadas por intoxicações, segundo tipo de droga, padrão de consumo e desfecho clínico dos casos, Maringá, PR, Brasil, 2017. (N: 113)

Fonte: Ficha OT/IA, CCI, 2012 a 2014.

Os dados relativos ao desfecho clínico das 113 mulheres notificadas revelaram que 83,2% (n: 94) receberam alta hospitalar melhoradas, 7,9% (n: 09) foram transferidas para outros serviços especializados, 2,7% (n: 3) evadiram-se do hospital e 6,2% (n: 7) evoluíram para óbito (tabela 3).

4 | DISCUSSÃO

A amostra em tela permitiu verificar que as mulheres foram responsáveis por número significativo de notificações por intoxicações por drogas de abuso, sendo estas mais frequentes em adultas jovens, em idade economicamente ativa, com baixo status educacional, exercendo atividades principalmente nos setores de serviços e domésticos, que foram intoxicadas principalmente por consumo de bebidas alcoólicas no padrão crônico, sendo que a maioria evoluiu para alta hospitalar, mas com uma significativa ocorrência de óbito.

Os limites dos resultados deste estudo estão relacionados à utilização de dados secundários coletados em fichas de notificação, que foram obtidas em situação talvez não ideal, ou seja, durante atendimentos de emergência, além disso a intoxicação por drogas de abuso não foi o principal motivo que levou estas mulheres a necessidade de assistência, e sim as condições clínicas emergenciais, tais como trauma, violência e outras condições subjacentes que permeiam abuso de álcool e outras drogas.

Destaca-se ainda que os profissionais de saúde, em sua maioria, detêm conhecimentos acerca das medidas assistenciais frente as intoxicações alcoólicas, atendendo aos pacientes sem notificá-los ao CCI, contexto que talvez possa explicar a subnotificação. Por outro lado, o estudo apresenta vantagens, uma vez que permite conhecer parcela significativa de mulheres portadoras de transtornos relacionados ao consumo de álcool e outras drogas de abuso, que muitas vezes são invisíveis, não possuindo acesso aos serviços de saúde, haja vista a associação preconceituosa entre o sexo feminino e o abuso de substâncias.

Comparando as características sócio demográficas das mulheres notificadas ao CCI entre os anos de 2012 a 2014 com dados obtidos através de outro estudo realizado no mesmo local, nos anos 1999 a 2008, onde a faixa etária, de maior prevalência do uso de álcool entre as mulheres foi de 20 a 49 anos (58,3%) e menores

de 20 anos (27,8%), encontrou-se diferença. A prevalência do alcoolismo entre as mulheres é menor que a encontrada entre os homens, no entanto, o consumo abusivo e/ou a dependência do álcool traz inúmeras repercussões negativas sobre a saúde física, psíquica e social das mulheres, uma vez que, elas são metabolicamente menos tolerantes ao álcool do que os homens (DE OLIVEIRA et al., 2012; LEÓN-MUÑOZ et al., 2015).

O Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE) define a População Economicamente Ativa (PEA) como a mão de obra com a qual o setor produtivo pode contar, em idade e condições físicas para exercer algum ofício no mercado de trabalho. Nessa conceituação, o IBGE classifica como população ocupada (possuem algum ofício em um período de referência, sendo esse ofício remunerado, não remunerado, por conta própria ou como um empregado) ou desocupada (pessoas que não possuem emprego e que estão aptas a trabalhar, tendo realizado algum mínimo esforço para tal). A idade para o enquadramento na PEA varia de país para país, no Brasil a idade mínima é de 15 anos (INSTITUTO BRASILEIRO GEOGRAFIA ESTATÍSTICA, 2010).

A história da participação feminina na produção social esteve sempre limitada pelas necessidades conjunturais do mercado de trabalho e tem se mantido mais ou menos instável em relação ao conjunto da população economicamente ativa. O mercado de trabalho sofre principalmente no que tange as formas de contratação e na mão-de-obra, por conseguinte, tem sido exigido dos trabalhadores cada vez mais características específicas para adaptar-se ao mercado de trabalho. A flexibilidade acaba com a distinção formal entre tempo trabalhado e tempo ocioso, entre emprego e desemprego, aumentando a produtividade e criando o chamado trabalho abstrato e modificando as relações sociais (COSTA, 2015; KIRCHNER et al., 2011).

Tal realidade acaba gerando uma sobrecarga, em relação ao modo de vida adotado pelas mulheres, exigindo mudanças e adequação ao mercado de trabalho. O resultado disso é evidenciado, muitas vezes, com o comprometimento das relações sociais e afetivas, propiciando a busca por meios de reinserção social, neste caminho, muitos trabalhadores acabam utilizando drogas em busca do objetivo (GAVIOLI et al., 2014).

Além disso, questões como o excesso de trabalho, exigência cada vez maior por produtividade, elevado custo de vida, acabam por exacerbar físico e mentalmente os trabalhadores, que mesmo sob pressão, cria meios de enfrentamento e proteção tanto individuais como coletivas. Essa situação afeta mesmo que indiretamente a saúde dos indivíduos, e pode se tornar o gatilho para o uso de drogas lícitas ou ilícitas (GAVIOLI et al., 2014; KIRCHNER et al., 2011).

As relações precárias de trabalho que se dão pelo subemprego, ou pelo trabalho por conta própria, ou irregular, atingem mais mulheres que os homens no Brasil. O salário de mulheres é inferior que o de homens quando realizam trabalhos idêntico, afetando a vida da mulher trabalhadora, diminuindo a qualidade de vida e favorecendo a baixa autoestima e exclusão social, com consequências de uso de álcool e outras

drogas, depressão e tentativa de suicídio (GAVIOLI et al., 2014; MARANGONI; OLIVEIRA, 2013).

O baixo nível de escolaridade, a falta de qualificação profissional, o nível socioeconômico, a necessidade de trabalhar, experiências infantis negativas, o uso de drogas pelos parceiros e familiares, o comportamento de amigos em relação ao uso de drogas a baixa capacidade de controle dos impulsos frente às adversidades do meio, são fatores que predispõem o hábito precoce do uso de drogas. A escolaridade é um importante indicador de características de vulnerabilidade social e a adoção de hábitos saudáveis de vida (PILLON et al., 2014).

Entendem-se fatores desencadeantes para o uso de drogas aqueles que ocorrem antes do uso indevido e estão associados, estatisticamente, a um aumento da probabilidade da iniciação e continuidade ao abuso de drogas, eles estão relacionados com diferentes contextos sociais e ambientais. Como predisposição psicológica destaca-se a ansiedade e depressão, e os riscos ambientais incluem a tutela na infância por avós e viuvez. Elas também revelaram mais problemas de saúde associados à marcadores de danos no fígado (MARANGONI; OLIVEIRA, 2013; SAMOCHOWIEC; SAMOCHOWIEC, 2015).

O álcool droga mais frequente neste estudo, é uma substância psicoativa de uso lícito, que possui grande abrangência e aceitação social. Entretanto, o consumo excessivo ocasiona importantes problemas de saúde, psicológico, familiar e social, acarretando altos custos aos sistemas de saúde. Esse fato é paradoxal, uma vez que a bebida alcoólica tem seu consumo aceito em diversas situações, tais como: rituais religiosos, cerimônias familiares, confraternizações entre amigos, eventos comemorativos e festejos populares (BOHLAND; GONÇALVES, 2015; WILSNACK; WILSNACK; KANTOR, 2014).

Todavia, o uso crônico da bebida alcoólica verificado, traz sérios problemas de saúde, pois à medida que a mulher aumenta o consumo, aumenta o risco de câncer de mama, além disso, problemas de saúde mental, também estão relacionados ao consumo intenso e compulsivo de álcool e outras drogas, além de favorecer lesões físicas e o comportamento suicida (WILSNACK; WILSNACK; KANTOR, 2014).

O peso e a menor quantidade de água corporal da mulher, a maior quantidade de gordura, associado a menor quantidade de enzimas metabolizadoras de álcool, faz com que a intoxicação ocorra, com o uso de metade da quantidade usada pelo homem. O desenvolvimento de doenças hepáticas como cirrose, aumenta as complicações clínicas e morbimortalidade, isso ocorre mesmo a mulher tendo consumido álcool por um período menor de tempo que o sexo oposto (DE OLIVEIRA et al., 2012).

Estudo com 3.058 indivíduos com idade maior que 60 anos durante os anos de 2008-2010, sobre padrões de consumo de álcool e sua associação com variáveis demográficas e clínicas, identificou que os idosos, um segmento crescente da população europeia, onde o alcoolismo é uma causa importante de carga de doença associado ao consumo pesado e moderado de álcool. Cerca de 5% a 10% dos

indivíduos com hipertensão, diabetes e doença cardiovascular apresentaram consumo excessivo de álcool, sendo verificado que entre os idosos que usavam medicação para dormir, hipoglicemiantes orais ou medicação antitrombótico, 37% a 46% apresentaram ingestão moderada de álcool e 5% a 8% apresentaram ingestão pesada (LEÓN-MUÑOZ et al., 2015).

Os problemas com o alcoolismo no Brasil ultrapassam o âmbito individual, atingindo diversas repercussões sociais, o álcool é um dos principais fatores de risco para acidentes de trânsito, violência doméstica, homicídios e mortalidade prematura, ele é responsável pela maior parte dos custos hospitalares resultantes do uso de substâncias psicoativas 83,1% no Brasil, contra 16,9% de gastos oriundos do consumo de outras substâncias. A mortalidade e as limitações funcionais superam aquelas ocasionadas pelos derivados do tabaco. O álcool está associado a 65-70% dos casos de violência contra a mulher e se relaciona com muitos acidentes de trabalho e o abuso acarreta problemas familiares e profissionais, debilidades no organismo, gera preconceito, isolamento e favorece o consumo de outras drogas (BOHLAND; GONÇALVES, 2015; DE OLIVEIRA et al., 2012; GAVIOLI et al., 2014).

O uso abusivo de álcool é crescente nas últimas décadas e de forma linear, onde o grupo social em que o uso nocivo de álcool e outras drogas mais crescem, são os jovens, economicamente ativos. A associação entre o alcoolismo e ambiente de trabalho acarreta intercorrências indesejáveis (GAVIOLI et al., 2014; PILLON et al., 2014).

O Levantamento Nacional de Álcool e Drogas entre 2006 e 2012 apontou que homens são maiores consumidores, quando comparados às mulheres, porém, as mulheres costumam consumir no padrão *binge*, ou seja, várias doses em um curto período de tempo, contudo, a metabolização ocorre de maneira mais lenta nas mulheres, tornando-as mais susceptíveis aos prejuízos associados ao uso/abuso (LARANJEIRA et al., 2013).

Estudo realizado na Rússia, país com os maiores níveis de consumo de álcool do mundo, analisou os padrões de consumo em 648 mulheres em idade fértil, onde 89% das mulheres relataram consumir álcool, 65% beberam compulsivamente nos últimos três meses, e 47% relatou *binge* mensalmente. As grávidas consumiram álcool de forma semelhante a mulheres que não eram susceptíveis de engravidar em 54% e só houve um declínio no consumo após a identificação da gravidez (BALACHOVA et al., 2012).

Ademais, o álcool também está associado a alguns comportamentos característicos de trabalhadores, como encontro social e confraternizações após o expediente de trabalho, seja o consumo, eventual, de modo abusivo ou dependência (GARCIA; DE FREITAS, 2015). A visão da sociedade frente ao alcoolismo feminino é bastante agressivo, considerado imoral e inadequado, ela sofre com a estigmatização e acaba procurando tratamento com menos frequência que os homens, o que lhes acarreta mais comprometimentos ao longo do uso (SILVA et al., 2015).

Quanto à constância do uso de álcool durante os anos de estudo, a maioria das mulheres foram classificadas como intoxicação crônica. A intoxicação é classificada em aguda: quando ocorre a ingestão de grande quantidade num período de tempo não superior às 24h; e crônica: quando o evento ocorre de forma repetitiva, durante um longo período de tempo, ou acima de 15 dias, e indica a gravidade e a dependência, levando a ocorrência de problemas ocasionados em virtude do consumo excessivo, seja por um padrão mal adaptativo ou comportamento de uso compulsivo. O uso crônico é caracterizado pelo descontrole periódico de uso ou por um padrão de consumo com episódios frequentes de intoxicação, causando consequências adversas no comportamento no contexto social e familiar (BRASIL et al., 2015).

O consumo nocivo do álcool tem relação estreita com mais de 200 formas de doenças e lesões, como câncer, cirrose e distúrbios mentais, além de adoção de comportamentos de risco. A intoxicação alcoólica é o terceiro fator de risco para morbimortalidade em países desenvolvidos, e representa 9,5% de anos de vida perdidos ou incapacitados, enquanto as drogas ilícitas ocupam a oitava posição com 1,8%. Já em países em desenvolvimento, o álcool, entre todas as drogas, surge como principal fator de risco, e representa 6,2% de anos de vida perdidos ou incapacitados. Importantes fatores de risco e que precisam ser discutidos a fim de evitar ou diminuir os impactos causados na sociedade. Apesar do desfecho clínico, ter sido a alta hospitalar para a maioria das mulheres, a prevalência de mortalidade encontrada no triênio no Noroeste do Paraná estava em consonância com a literatura (GARCIA; DE FREITAS, 2015).

5 | CONSIDERAÇÕES FINAIS

O presente estudo constatou o padrão de uso de álcool e outras drogas de abuso na população feminina notificada ao CCI. Os resultados encontrados em relação ao padrão educacional e laboral corroboram com a literatura, porém, constatou-se que a maioria das mulheres estava na faixa etária economicamente ativa, todavia, não estavam inseridas no mercado de trabalho, e dentre as que trabalhavam, muitas tinham vínculo empregatício frágil e/ou informal. Destacando-se ainda, o padrão de consumo crônico e alcoolismo em idosas.

É sabido que a dependência de álcool em mulheres é um grave problema de saúde pública incapacitante e tem sido considerado um tema complexo e multifatorial. No Brasil, as unidades básicas de saúde, empresas comerciais e industriais vêm adotando programas de controle do uso de álcool e outras drogas no ambiente de trabalho, visando à reabilitação do trabalhador. No entanto, é imprescindível inserir a família no cuidado, garantindo a continuidade da assistência e a reinserção social e no mercado de trabalho.

Vale salientar as limitações do estudo, tais como o tamanho da amostra analisada,

impossibilidade de generalização dos resultados, utilização de dados secundários, e a presença de dados ignorados (não consta e/ou não respondeu) da situação ocupacional, ocasionado possivelmente em decorrência de a intoxicação alcoólica ter seu diagnóstico e tratamento amplamente difundidos, embora o uso/abuso, seja categorizado como agravo de notificação.

Destaca-se ainda que o núcleo de pesquisa do CCI realiza de busca ativa diária dos casos de intoxicação por álcool e outras drogas e que na maioria das vezes, a paciente já não se encontra mais no pronto atendimento, bem como os profissionais responsáveis pelo atendimento do mesmo, limitando-se as informações contidas nos prontuários. Além disso, a natureza do estudo não nos permite um maior aprofundamento nos casos.

Contudo, espera-se que os resultados obtidos, fornecem subsídios para o desenvolvimento de novos estudos sobre o uso de drogas e a criação de estratégias de prevenção e promoção para a saúde das mulheres.

REFERÊNCIAS

ABREU, Â. M. M. et al. **Consumo nocivo de bebidas alcoólicas entre usuários de uma Unidade de Saúde da Família**. Acta Paulista de Enfermagem, v. 25, p. 291–295, 2012.

BALACHOVA, T. et al. **Women's alcohol consumption and risk for alcohol-exposed pregnancies in Russia**. Addiction, v. 107, n. 1, p. 109–117, 2012.

BOHLAND, A. K.; GONÇALVES, A. R. **Mortality caused by the consumption of alcoholic beverages**. SMAD - Revista Eletrônica Saúde Mental Álcool e Drogas, v. 11, n. 3, p. 136–144, 2015.

BRASIL et al. **Prevenção do uso de drogas: capacitação para conselheiros e lideranças comunitárias**. Florianópolis: Secretaria nacional de políticas Sobre Álcool e Drogas - Senad, 2015.

BRASIL; MINISTÉRIO DA SAÚDE. **Portaria nº1.271, de 6 de junho de 2014**: Define a Lista Nacional de Notificação Compulsória de doenças, agravos e eventos de saúde pública nos serviços de saúde públicos e privados em todo o território nacional, nos termos do anexo, e dá outras providências, 2014.

COSTA, A. C. **A mulher na força de trabalho**. Revista Feminismos, v. 2, n. 2, p. 14–22, 2015.

COTTI, C.; DUNN, R. A.; TEFT, N. **Alcohol-impaired motor vehicle crash risk and the location of Alcohol purchase**. Social Science & Medicine, v. 108, p. 201–209, 2014.

DE OLIVEIRA, G. C. et al. **Consumo abusivo de álcool em mulheres**. Revista Gaúcha de Enfermagem, v. 33, n. 2, p. 60–68, 2012.

GARCIA, L. P.; DE FREITAS, L. R. S. **Heavy drinking in Brazil**: results from the 2013 National Health Survey. Epidemiol. Serv. Saúde, v. 24, n. 2, p. 227–237, 2015.

GAVIOLI, A. et al. **Risks related to drug use among male construction workers**. Acta Paulista de Enfermagem, v. 27, n. 5, 2014.

INSTITUTO BRASILEIRO GEOGRAFIA ESTATÍSTICA, IBGE. **Censo Demográfico 2010**, 2010. Disponível em: <<http://censo2010.ibge.gov.br/noticias-censo?id=1&idnoticia=2296&t=censo-2010-mulheres-sao-mais-instruidas-que-homens-ampliam-nivel-ocupacao&view=noticia>>. Acesso em: 18 jun. 2017

- JUNQUEIRA, M. A. DE B. et al. **Uso de álcool e comportamento de saúde entre profissionais da enfermagem.** Revista da Escola de Enfermagem da USP, v. 51, n. 0, 27 nov. 2017.
- KIRCHNER, R. M. et al. **Análise das características de trabalhadores da construção civil no sul do Brasil, no período de 2002 a 2008.** Trabalho & Educação, v. 20, n. 1, p. 47–58, 2011.
- LARANJEIRA, R. et al. **II Levantamento Nacional de álcool e droga: tendências entre 2006/2012.** São Paulo: Instituto Nacional de Ciência e Tecnologia para Políticas Públicas de álcool e Outras Drogas, 2013. Disponível em: <<http://inpad.org.br/lenad/>>
- LEÓN-MUÑOZ, L. M. et al. **Patterns of alcohol consumption in the older population of Spain, 2008-2010.** Journal of the Academy of Nutrition and Dietetics, v. 115, n. 2, p. 213–224, 2015.
- LONG, E. C. et al. **A National Swedish Longitudinal Twin-Sibling Study of alcohol use disorders among males.** Addiction, v. 112, n. 8, p. 1378–1385, 2017.
- MARANGONI, S. R.; DE OLIVEIRA, M. L. F. **Fatores desencadeantes do uso de drogas de abuso em mulheres.** Texto e Contexto Enfermagem, v. 22, n. 3, p. 662–670, 2013.
- MARANGONI, S. R.; OLIVEIRA, M. L. F. **Fatores desencadeantes do uso de drogas de abuso em mulheres.** Texto & Contexto - Enfermagem, v. 22, n. 3, p. 662–670, 2013.
- OKUMURA, Y. et al. **Comparison of emergency hospital admissions for drug poisoning and major diseases: a retrospective observational study using a nationwide administrative discharge database.** BMJ open, v. 2, n. 6, p. e001857, 2012.
- PILLON, S. C. et al. **Consequences of alcohol consumption among women cared for in a Psychosocial Care Center.** Rev. Eletr. Enf. [Internet], v. 16, n. 2, p. 338–345, 2014.
- REISDORFER, E. et al. **Problematic alcohol and tobacco use among healthcare professionals.** SMAD. Revista Eletrônica Saúde Mental Álcool e Drogas, v. 12, n. 4, p. 214–221, 2016.
- RIBEIRO-ANDRADE, É. H. et al. **Drogadição feminina no Brasil: uma análise epidemiológica.** Perspectiva Online Humanas Sociais & Aplicadas, v. 7, n. 19, p. 65–82, 2017.
- SAMOCHOWIEC, J.; SAMOCHOWIEC, A. **Psychosocial Factors of Alcohol Dependence in Woman Interrelated with Lesch's Typology of Alcoholism.** European Psychiatry, v. 30, n. 1, p. 1044, 2015.
- SILVA, M. DAS G. B. et al. **O beber feminino: socialização e solidão.** Saúde em Debate, v. 39, n. 106, p. 772–781, 2015.
- SOUZA, M. R. R. DE et al. **Women's health and the phenomenon of drugs in brazilian magazines.** Texto & Contexto - Enfermagem, v. 23, n. 1, p. 92–100, 2014.
- UNITED NATIONS OFFICE ON DRUGS AND CRIME. **World Drug Report.** Geneva, Switzerland: 2015.
- WILSNACK, S. C.; WILSNACK, R. W.; KANTOR, L. W. **Focus On: Women and the Costs of Alcohol Use.** Alcohol Research, v. 35, n. 2, p. 219–228, 2014.
- ZILBERMAN, M. L.; HOCHGRAF, P. B.; ANDRADE, A. G. **Gender differences in treatment-seeking Brazilian drug-dependent individuals.** Substance Abuse, v. 24, n. 1, p. 17–25, 2003.

SOBRE A ORGANIZADORA

Christiane Trevisan Slivinski - Possui Graduação em Licenciatura em Ciências Biológicas pela Universidade Estadual de Ponta Grossa (2000), Mestrado em Ciência e Tecnologia de Alimentos pela Universidade Estadual de Ponta Grossa (2007) e Doutorado em Ciências - Bioquímica pela Universidade Federal do Paraná (2012). Tem experiência na área de Bioquímica, com ênfase em Biotecnologia, atuando principalmente nos seguintes temas: inibição enzimática; fermentação em estado sólido; produção, caracterização bioquímica e purificação de proteínas (enzimas); e uso de resíduo agroindustrial para produção de biomoléculas (biosurfactantes). É professora na Universidade Estadual de Ponta Grossa nas disciplinas de Bioquímica e Química Geral desde 2006, lecionando para os cursos de Bacharelado e Licenciatura em Ciências Biológicas, Farmácia, Educação Física, Enfermagem, Odontologia, Química, Zootecnia, Agronomia, Engenharia de Alimentos. Também leciona no Centro de Ensino Superior dos Campos Gerais – CESCAGE desde 2012 para os cursos de Fisioterapia, Odontologia, Farmácia, Nutrição, Enfermagem e Agronomia, nas disciplinas de Bioquímica, Fisiologia, Biomorfologia, Genética, Metodologia Científica, Microbiologia de Alimentos, Nutrição Normal, Trabalho de Conclusão de Curso e Tecnologia de Produtos Agropecuários. Leciona nas Faculdades UNOPAR desde 2015 para o curso de Enfermagem nas disciplinas de Ciências Celulares e Moleculares, Microbiologia e Imunologia.

Agência Brasileira do ISBN
ISBN 978-85-85107-73-4

